

Obra e o  
HOMEM

# JAIIME CORTESSÃO

*Coordenação de Oscar Lopes*



arcádia

O ponto de partida de Jaime Cortesão é aquilo que me proponho chamar o nosso novi-romantismo posterior ao Ultimato. Romantismo pelo apelo, sobretudo no teatro e na novelística, a um misto de tradições heróicas e amorosas da história nacional, apelo ao homem forte, providencial, iluminado, louca ou genialmente (tanto faz) apaixonado por um ideal patriótico ou expansionista e também, se possível cumulativa ou alternativamente, por uma mulher - coisas que com o quadricentenário em 1898 na viagem de Vasco da Gama se sintetizam em fórmulas como a de um novo descobrimento da Índia pelo coração, ou pela imaginação, contrapartida ideal das contemporâneas explorações e campanhas africanas. Romantismo pelo apelo, sobretudo na lírica, na ficção ruralista e nos estudos etnográficos, a um povo abstracto, museu de costumes pitorescos e de velhas superstições folclóricas em iminente risco de volatilização - pobre sucedâneo "neogarrettista" daquela democratização pela cultura a que aspirava o primeiro Romantismo, o de Herculano e Garrett, o da Revolução de Setembro e da Revolução das Juntas. Este novi-romantismo, ou melhor, isto que, em grande parte, hoje podemos ver como regressão, para trás do realismo de 1870-80, até às inconsequências que já haviam comprometido as forças do Romantismo burguês liberal de 1836-1851 - isto oscila, por seu turno, entre duas fronteiras opostas e cuja transposição definida significaria o seu próprio aniquilamento.

Uma dessas fronteiras dá para uma amálgama de naturalismo, positivismo, confiança na razão científica, exaltação republicana das virtudes da mediania social. A outra dá para a sensibilidade pessimista e decadente, um aristocratismo intelectual nietzscheano e *arte pela arte* - e constitui a refacção, em meio português, de uma fase europeia de mais pronunciada regressão quanto ao anterior progressismo liberal burguês. Seria possível uma classificação, por alto, das principais personalidades culturais portuguesas que, entre 1890 e 1910, se encontram sujeitas a este quadro ideológico geral; mas, bem analisadas, creio que Fialho, António Nobre, Eugénio de Castro, Trindade Coelho e D. João da Câmara, por exemplo, nos pareceriam muito menos contrastantes entre si do que eles próprios julgariam. O conjunto de forças a que obedeciam ou reagiam eram

sensivelmente as mesmas, embora em proporções diversas e, só por isso, com resultantes mais ou menos diversamente orientadas, sempre em âmbito burguês.

O novi-romantismo posterior ao Ultimato relaciona-se, antes de mais nada, com os brumosos horizontes da mais larga camada letrada portuguesa, entre os indícios da desagregação das relações artesanais e pequeno-burguesas, ainda muito directamente pessoais, muito arbitrariamente tutelares, quase residualmente feudais, de patrão e criado, marido e esposa, pároco e paroquianos, galopim local e eleitor - e o surto das relações mais tipicamente capitalistas, indirectas e massivas, de concentração plutocrática e propagandística, de gerência impessoal e proletariado fabril, mercado interno ferroviariamente unificado, alta intriga de gabinete bancário e político, luta sindical, larga arregimentação e movimentação sob capa religiosa ou, em geral, doutrinária. No plano político, os pulsos batiam entre as decepções do rotativismo dos dois partidos monárquicos liberais que, desde o Pacto da Granja de 76, quase só se defrontavam como duas *équipes* governativas programaticamente confundíveis - e um cesarismo reformista de recorte bismarckiano, ou então, e mais popularmente, uma República toda pequeno-burguesa; e também batiam, esses pulsos, entre um pessimismo nacional agravado desde o Ultimato e a *crise* financeira subsequente - e o sonho de um novo Império talhado à espada de novos Albuquerque. Que este resumo em nada soe a despiciência fácil de quem vem depois, com o processo transitando em julgado. Tudo isto dói, como um espremer de espinhas.

Jaime Cortesão publica em 1910 os seus primeiros livros: *A Morte da Águia*, poema, e *A Arte e a Medicina (Antero de Quental e Sousa Martins)*, dissertação com que rematou o curso de médico. A sua concepção geral de vida parte da do novi-romantismo da época, mas inflectido num sentido coincidente com o seu progressismo republicano. O naturalismo como estética (aliás, entre nós, muito romanticamente moralizante e digressivo) e o positivismo como filosofia (aliás muito polarizado entre tiradas sentimentais e um materialismo mecanista) - não tinham cessado a sua influência. Abel Botelho e Teixeira de Queirós estavam em plena elaboração dos seus ciclos novelísticos; Teófilo Braga recapitulava

infatigavelmente a história literária e martelava sem fim as suas convicções políticas à luz de Comte e de Littré. Mas é em sentido esteticista neo-clássico ou, opostamente (por vezes, alternativamente, o que melhor revela a subjacente unidade de tais oposições), em sentido transcendentalista moralizante que evoluem, quer os melhores escritores mais velhos, Eugénio de Castro, Raul Brandão, Teixeira Gomes (só então a revelar-se), Jaime Magalhães Lima, Teixeira de Pascoaes, quer os mais novos, como em geral acontece aos que se destacarão no grupo da *Renascença Portuguesa*.

Assim, *A Morte da Águia*, com a sua exaltação cheia de vigorosas crispações predatórias e agónicas, de um heroísmo solitário, à Nietzsche, assinala uma incidência de esteticismo muito próxima por ex., das de António Patrício. No entanto, a esta nota nietzscheana, em que talvez se extremem as motivações expansionistas do novi-romantismo, preferirá Jaime Cortesão uma outra tendência que se lhe opõe, na base aliás de uma comum ofensiva contra o naturalismo. De facto, na dissertação sobre *A Arte e a Medicina*, do mesmo ano, o da implantação da República, invoca, não esse aristocratismo heróico, mas, e orgulhosamente, a sua qualidade de poeta lírico, para refutar, quer a *Nosografia* em que Sousa Martins reduziu Antero de Quental a um caso de "degenerescência superior" hereditária, quer, em geral, a tese de Lombroso e de Nordau (tão imanente à própria evolução estética naturalista-decadentista) segundo a qual o génio, pelo menos nas suas manifestações contemporâneas, seria uma espécie de louco ou de degenerado.

O naturalismo e o positivismo ignoravam, para além do que no mundo *há*, aquilo que nele *vale* e se deve, ou não deve, fazer. Essa concepção de uma natureza total e evolutiva, com exclusão do sobrenatural, uma natureza em cujas séries causais, cientificamente determináveis, o homem cabe inteirinho, só pôde ser exaltante para aqueles a quem fez sobretudo sentir a materialidade do mundo, quer dizer, em última análise, a sua disponibilidade progressiva para transformações de iniciativa humana - transformações, ou melhoramentos, extensivos à própria natureza humana, também ela material. Mas o naturalismo e o positivismo não davam um critério e um programa precisos de progresso social ou

individual humano, pretendiam mesmo abstrair de valores, fins e realidades em si mesmos; ao passo que a religião e a metafísica antigas prometiam sempre uma qualquer forma de eternidade, e, com o cristianismo, essa sobrevivência melhorada era (ao contrário da platónica, por ex.) individual, isto é, era sentida como dizendo respeito a cada qual, tal como se foi individualizando pela sua formação biológica e social: cada acto, moral ou ritualmente considerado, assumia, portanto, um significado, era uma decisão em vista a fins e valores que se jogavam em dois tabuleiros.

Ora talvez não seja exagero pensar que, considerada sob o aspecto ideológico, a mais grave crise legada pela chamada geração de 70, e nomeadamente por Antero de Quental, às vagas sucessivas de escritores que podemos agrupar desde, sobretudo 1890, consiste em não se encontrar um sentido esteticamente satisfatório para a vida individual, dentro de uma perspectiva que, no fundo, era, mesmo para os que então a rejeitavam, naturalista. Não passará decerto despercebida a qualquer leitor advertido a importância que para Junqueiro, Gomes Leal, Raul Brandão e, dentro da *Renascença Portuguesa*, Pascoaes, Correia de Oliveira, Leonardo Coimbra, Afonso Duarte - assume o evolucionismo spenceriano e, nomeadamente, a génese darwiniana dos homens a partir dos animais inferiores, provocando na sua poesia e filosofia certa hesitação entre uma epopeia, abstractamente articulada em premissas científicas, do progresso universal, e a afirmação de uma outra ordem intuitiva de realidade, transcendente às percepções sensoriais, às ciências, ordem onde volta a repor-se a teologia fixista tradicional, embora em termos, geralmente, de uma ostensiva heterodoxia religiosa. Um pouco à margem, António Sérgio, na *Notas sobre os Sonetos e as tendências gerais da filosofia de Antero de Quental*, que precederam a dissertação de Jaime Cortesão, procura manter o idealismo racionalista anterior, isto é, o pressuposto de uma ordem intemporal e objectiva de razões e normas, insuflando a esse idealismo anterior, a esse platonismo, um sentido prático actuante no plano pedagógico e social.

Jaime Cortesão, como a maioria dos intelectuais de *A Águia*, sente um tal racionalismo como desprovido de esperança humana concreta e, a caminho do seu "franciscanismo" ideal de comunhão com todos os seres visos, mortos ou aparentemente inertes, a caminho do seu franciscanismo *fin-de-siècle* de Sabatier, Biese e Thode, remata a sua dissertação de 1910 num "protesto sentimental" antinaturalista, antipositivista, cujas inspirações mais directas vêm de Foiullé, Guyau, Antheaune e Dormard, com alguns acenos de dívida a Tolstoi, a Maeterlinck, a Nietzsche, e ao bergsonismo do então seu correligionário Leonardo Coimbra.

Óscar Lopes (coord.), *Jaime Cortesão*, Lisboa, Editora Arcádia, 1962, pp. 10-16.